

Intróito

Tem a presente pesquisa o escopo de examinar as relações entre ipseidade e alteridade, tendo como ponto de partida o terreno em que Martin Heidegger e Søren Kierkegaard desenvolvem suas filosofias.

Em seu projeto ontológico-existencial, Heidegger problematiza a existência a partir de uma pergunta fundamental sobre a questão do ser. *Sein und Zeit* se inicia assim: deflagrando a necessidade de uma repetição explícita da questão do sentido do ser¹. Embora o ser como tal resista a toda tentativa de definição, o que importa na investigação do filósofo alemão, segundo ele mesmo, é repetir a questão do ser, ou melhor, colocar a questão de maneira suficiente, uma vez que comumente não somente falte resposta à questão, mas o próprio questionamento se apresente obscuro e sem direção². Se todo questionamento é uma procura, o método fenomenológico proposto por Heidegger identificará *ab initio* três elementos que preparam o ambiente da investigação ontológica. Sendo o *perguntado* o sentido do ser e o *questionado* o próprio ser, restaria considerar qual interrogação permitiria ao investigador aproximar-se da questão fundamental. O filósofo elegerá então como *interrogado* privilegiado o ente que *ex-siste*.

Caso a questão do ser deva ser colocada explicitamente e desdobrada em toda a transparência de si mesma, sua elaboração exige [...] a explicação da maneira de visualizar o ser, de compreender e apreender conceitualmente o sentido, a preparação da possibilidade de uma escolha correta do ente exemplar, a elaboração do modo genuíno de acesso a esse ente³.

A investigação ontológica será assim deslocada para o âmbito da analítica ontológico-existencial. O *Dasein*, esse ente que cada um de nós somos, será

¹ *Ser e tempo*, parte I, p. 24.

² *Ser e tempo*, parte I, p. 30.

³ *Ser e tempo*, parte I, p. 33.

escolhido como o interrogado privilegiado porque “elaborar a questão do ser significa tornar transparente um ente – o que questiona – em seu ser”⁴.

Ao questionamento do sentido corresponde a aventura de retorno ao lar, tal questionamento põe o *Dasein* a caminho do lugar de sua morada. O pensamento de Heidegger se movimentaria no solo do esquecimento do ser provocado pela metafísica tradicional. O homem moderno não tem tempo para questões pretensamente inúteis que atrapalhem o ritmo do dia. Se no movimento circular da modernidade a expressão *time is money* absorve qualquer proposta de quietude e questionamento do sentido, a ansiedade dos tempos modernos se infiltra nas carnes trêmulas frente ao turbilhão de notícias e comunicações úteis ao espírito competitivo. Nesse contexto, só resta à modernidade a cultura da hiperexcitação.

O pensamento do sentido permanece, no entanto, provisório, paciente e mais indigente ainda do que a formação de outrora, em sua época. A pobreza do sentido promete, no entanto, uma outra riqueza, cujos tesouros resplandecem no brilho de uma inutilidade, daquela inutilidade que nunca se deixa contabilizar⁵.

Continuo com o filósofo alemão:

O mais útil é o inútil. Mas experienciar o inútil é mais difícil para o homem moderno. O ‘útil’ é compreendido aqui como o que pode ser praticamente utilizado, diretamente para fins técnicos, para aquilo que causa algum efeito, algo que eu possa administrar e com o que eu possa produzir. Deve-se ver o útil no sentido daquilo que *cura*, isto é, como aquilo que conduz o homem a si mesmo⁶.

Pode ao leitor exigente parecer estranho um título que coloca lado a lado Heidegger e Kierkegaard – no presente trabalho o segundo é escolhido como interlocutor do primeiro. Por isso, devo logo de início esclarecer que a escolha dos dois mencionados filósofos não é fruto de uma justaposição forçada. Para aqueles que são mais íntimos da filosofia de Kierkegaard, não constitui nenhuma novidade a afirmação de que Heidegger teria sido um leitor atento de seus escritos e se inspirado por eles. Como se não bastasse a afinidade temática entre os dois filósofos, o que naturalmente se verificará no decorrer destas páginas, a admiração de Heidegger por Kierkegaard é celebrada pelo menos em duas notas de rodapé elogiosas de *Sein und Zeit* – o que, diga-se de passagem, não é nada comum no

⁴ *Ser e Tempo*, parte I, p. 33. “Para o ente que é tema da analítica, não foi escolhida a expressão ‘homem’, mas a expressão neutra ‘o estar-aí’ (*das Dasein*). Com isso é designado o ente ao qual seu próprio modo de ser, num sentido determinado, não é indiferente” (Ernildo Stein, *Seis estudos sobre “Ser e tempo”*, p. 24, em nota de rodapé).

⁵ *Ciência e pensamento do sentido*, p. 59.

trabalho do filósofo alemão. No parágrafo 40, ele diz expressamente que Kierkegaard teria sido o que levou mais longe a análise do fenômeno da angústia, ainda que pelo viés de uma vertente teológica e psicológica⁷. Mais adiante, no parágrafo 45, ele reconhece a profundidade do pensamento existencial de Kierkegaard, embora conclua pela sua imaturidade no que concerne à perspectiva ontológica⁸. Nas entrelinhas da fenomenologia heideggeriana, especialmente nas páginas de *Ser e tempo*, a influência do filósofo dinamarquês surge com uma clareza meridiana⁹. Kierkegaard se mostra no texto de Heidegger, assim como o fenômeno se mostra no mundo. Importa, todavia, atentar para os pontos de aproximação, mesmo que não reconhecidos, mesmo que não sejam frutos de uma influência direta.

Não pretendo ao longo da dissertação dar conta de toda a filosofia de Heidegger e de Kierkegaard, considerando-se que alguém se repute capaz disso. A presente pesquisa procura estabelecer um diálogo entre os dois filósofos de modo a lançar as bases para uma discussão profícua a respeito da questão temática central: a relação entre ipseidade e alteridade. Embora esteja claro que a investigação tome como ponto de partida a filosofia de Heidegger, alguns observarão que as passagens dedicadas a Kierkegaard e a seus pseudônimos aparecem como aquilo que dá liga à forma conjuntural do texto, acenando ainda para o intuito de situar a pesquisa numa vertente que priorize a leitura fenomenológica-existencial. No que tange às citações dos escritos de Kierkegaard, procurei respeitar o desejo do filósofo dinamarquês expresso no epílogo intitulado *Uma primeira e última explicação*: cada livro será citado com o nome do pseudônimo respectivo¹⁰.

Controvertidas são as diferentes leituras no que tange à questão da alteridade em Heidegger e Kierkegaard. O primeiro recebe muitas vezes a crítica

⁶ *Seminários de Zollikon*, p. 182. As aspas e o grifo pertencem ao original.

⁷ *Ser e tempo*, parte I, p. 254.

⁸ *Ser e tempo*, parte II, p. 14.

⁹ A influência de Kierkegaard sobre Heidegger é mencionada por Jean Beaufret, Emmanuel Mounier, Jean Wahl, Günter Figal e Denis Huisman, *verbi gratia*.

¹⁰ O epílogo assinado por Kierkegaard é anexado ao final do *Post-scriptum* assinado por Johannes Climacus, um dos pseudônimos do filósofo dinamarquês, pp. 608 *usque* 611. Nele, Kierkegaard diz que se relaciona com a sua própria obra como se fora um terceiro. No decorrer da presente dissertação, por entender que extrapolam o âmbito da investigação em voga, deixo em aberto algumas questões importantes para uma compreensão mais larga da obra do filósofo: se os nomes

de ter permanecido no terreno do solipsismo da filosofia husserliana, ainda herdeira da metafísica moderna inaugurada pelo cogito cartesiano¹¹. A uma primeira leitura, poderia parecer que Heidegger não teria dado conta da relação do *Dasein* com os outros, carecendo a sua ontologia do aspecto irrenunciável da intersubjetividade. O problema se evidencia no contraste entre o isolamento do *ser si próprio* revestido de autenticidade e a dispersão cotidiana inautêntica. Contudo, como pretendo demonstrar, na filosofia heideggeriana o acesso à ipseidade se dá quando a existência é permeada pela existência do outro. Kierkegaard, por sua vez, tendo privilegiado a esfera particular sobre o universal, é considerado um dos maiores defensores da subjetividade. O seu leitor pode facilmente encontrar nos seus livros passagens em que o receio de se misturar na massa da coexistência incentiva a segregação do indivíduo – há no filósofo dinamarquês um claro apelo à existência individual. Entretanto, no que concerne ao acesso à ipseidade, Kierkegaard impele sua plenitude para além do alcance da capacidade humana¹². O acesso à ipseidade somente se dará na dinâmica de uma alteridade.

Mais do que argüir sobre as condições de realidade da existência do outro ou mesmo da possibilidade de apreensão do outro enquanto *alter ego*, importa à pesquisa que se inicia investigar em que medida seria a ipseidade afetada pela alteridade e qual a postura ontológica do *Dasein* frente à presença do outro. Nessa investida, a ipseidade será interrogada segundo a mediação em que ela contrasta com a universalidade, com a *mesmidade* ou identidade do igual. Segundo a dialética da alteridade, a ipseidade será interrogada levando-se em consideração ainda a polissemia da significância do outro. Passando pelos diferentes traços da abertura do *Dasein*, o outro será ora compreendido enquanto ente que possui o modo de ser da co-presença, ora enquanto o próprio ser, ora enquanto alteridade constituinte do modo de ser do próprio *Dasein*.

Os dois primeiros capítulos preparam o último onde a alteridade assume o seu lugar no acesso à ipseidade. O problema do reconhecimento do outro deixa de ser uma questão da atividade intelectual e especulativa do sujeito encapsulado em

criados por ele seriam pseudônimos ou heterônimos, se os nomes podem ser relacionados entre si, se em cada caso específico seria Kierkegaard ou outro que fala.

¹¹ Entre eles, cito Emmanuel Lévinas pela pertinência de suas observações: “a sociabilidade em Heidegger se encontra toda inteira no sujeito só e é em termos de solidão que se prossegue na análise do *Dasein*, na sua forma autêntica” (*De l’existence à l’existant*, p. 162).

si mesmo. O outro é considerado a partir da diferença que só pode ser estabelecida pela relação. No primeiro capítulo, procuro situar a investigação nas bases da filosofia da existência. Após uma breve apresentação das principais categorias envolvidas na noção de ipseidade fugidia e de uma leitura do fenômeno da multidão como qualificador da existência humana moderna, tento demonstrar como a angústia constitui, tanto para Heidegger quanto para Kierkegaard, a via privilegiada de acesso ao *si*, entendido aqui enquanto outro. O segundo capítulo é pródigo em diferentes reflexões, deixando-se invadir por uma variedade de pontos de interesse que se entrelaçam na exposição da analítica existencial. Diferentes traços do *Dasein* terão aí o seu nicho de discussão: o apelo de ser, a exigência do pensar, o pensamento da morte, a consideração do clamor, a maturidade do silêncio, o desespero. Alguns deles aparecerão como figuras enunciativas da singularização da existência. O terceiro capítulo se debruçará sobre a questão da alteridade em seus diferentes aspectos. Partindo da analítica do *Dasein* conduzida sob o ângulo da relação, procurarei abordar a questão da alteridade priorizando especialmente as categorias da diferença e do infinito para, ao final, ensaiar uma releitura do posicionamento do *Dasein* na sua existencialidade. A presente pesquisa, no entanto, não pretende sugerir qualquer tipo de acabamento, não se entrega à pretensão esgotar as possibilidades de compreensão do problema posto. Ela se insere muito mais no registro de uma *experiência do pensar*, para usar uma expressão de Heidegger¹³ ou, se quisermos tomar com referência as palavras de Kierkegaard, poderíamos dizer que a presente pesquisa seria tão somente um *experimento*, algo que se infiltra na invisível síntese entre brincadeira e seriedade¹⁴.

¹² Conferir, *verbi gratia*, as observações de Alastair Hannay em *Kierkegaard and the variety of despair*, p. 346.

¹³ Sugiro a leitura da poesia *Da experiência do pensar*.

¹⁴ *Stadi sul cammino della vita*, p. 653.